



Anjo do leste

Num endereço secreto na cidade de Pitesti, na Romênia, **Iana Matei** dedica (e arrisca) a vida a salvar crianças vítimas de traficantes sexuais. Por sua batalha incansável contra essa forma terrível de tráfico de escravos, a Reader's Digest escolheu Iana para ser a Europeia do Ano de 2010. **Eis aqui a sua história.**



Um táxi para diante da agência

dos correios numa cidade decadente perto do litoral do Mar Negro, na Romênia. Pela porta traseira, sai uma adolescente magra e pálida de calças *jeans*, tênis e camiseta, o cabelo mal cortado.

Atrás do táxi, no surrado e velho Audi prateado, Iana Matei liga o motor.

Durante quatro horas, Iana, 50 anos, se perguntou, preocupada, por que a menina de 15 anos, que ela só conhece como Mihaela, não aparecia. Os traficantes que obrigaram a menina a ser escrava sexual nos últimos dois anos ameaçaram arrastá-la com o carro até a morte se tentasse fugir. Teriam descoberto o plano e matado a garota?

Mas agora, coração aos pulos, Iana se preocupa com outro detalhe: será que Mihaela aproveitará a oportunidade para fugir? Seguindo a princípio para os correios, de repente Mihaela muda de direção. Vira-se e dispara em direção ao Audi, jogando-se de bruços no banco de trás. Com os pneus cantando, Iana arranca. Guinchando pelas esquinas, o Audi voa para fora da cidade.

Pelo retrovisor, Iana vê o táxi vindo em perseguição. Uma mulher no banco da frente sacode o punho para ela. O táxi fica para trás, mas Iana mantém o pé no acelerador para o caso de o motorista avisar outros carros para interceptá-la.

O celular de Mihaela toca. “Quero falar é com a vaca loura”, ruge uma voz rouca. Iana pega o telefone e escuta um homem grunhir: “Traga-a de volta ou vai virar comida de minhoca!”

Iana joga o celular no chão. Fora da cidade, entra num bar da estrada. “Pronto, nos livramos deles”, diz à assustada menina. “Agora você está segura; podemos cuidar de você.”

Em sua casa, num endereço secreto na feia cidade de Pitesti, a noroeste de Bucarest, onde se fabricam automóveis, Iana Matei combate traficantes de escravas sexuais que se aproveitam de moças e meninas do Leste Europeu.

Pequena, gorducha, de olhos azuis, uma franja alourada e cabelo na altura dos ombros, por fora Iana é toda abraços e carinhos. Mas, na hora de salvar crianças do tipo de escravidão mais selvagem da Europa, ela cospe fogo.

Certa noite, à uma da madrugada, quando quatro homens tentaram invadir o abrigo para vítimas do tráfico que ela administra, Iana usou o próprio carro para bloquear o deles, chutou as portas para fechá-las quando eles tentaram sair e soltou tamanha torrente de xingamentos que os homens foram embora. “Eles não viram uma loura miúda na rua”, diz ela. “Só viram a minha boca enorme grudada do lado de fora das janelas.”

Nada atíça mais a raiva de Iana do que a atitude da polícia, para a qual essas meninas não passam de prostitutas que não têm de fazer o que fazem. “Sempre é mais fácil culpar as vítimas. Essas meninas são vítimas de um crime nojento. Não querem ser prostitutas, mas estão presas e não têm como fugir. E são apenas crianças.”

“Agredidas e forçadas a fazerem sexo,



Iana guarda as fotos de algumas das 420 vítimas de traficantes do sexo que ela já ajudou em seu abrigo.

De acordo com o Unicef, cerca de 2 milhões de crianças do mundo inteiro estão aprisionadas no comércio sexual. A organização internacional Terre des Hommes, de defesa dos direitos humanos, estima que o tráfico leva todo ano, do Leste Europeu, 6 mil crianças entre 12 e 16 anos.

Sabemos que centenas de meninas de países que integravam o antigo bloco comunista, como a Romênia, são forçadas a se prostituir depois de atraídas ingenuamente para os países ocidentais mais ricos com falsas promessas de emprego”, diz Iana. “Trancafiadas, agredidas e forçadas a fazer sexo, são escravas, não há outra palavra para isso.”

Em 11 anos, Iana resgatou e devolveu à vida normal nada menos do que 420 vítimas. E a maioria delas, agora com estudo, emprego e até filhos, ainda mantém contato com Iana.

As meninas chegam até ela de várias maneiras. Algumas são entregues pela polícia da Romênia. Muitas são enviadas por órgãos que repatriam meninas de outros países, como o Exército da Salvação, na Grã-Bretanha, e Iana as recebe no aeroporto e ajuda-as a retomar a vida. “E algumas tenho de sequestrar”, admite.

A história de Mihaela* é típica. Aos 13 anos, fugiu de casa, em Bucareste, depois de discutir com os pais. Uma

essas meninas são verdadeiras escravas.”

mulher de meia-idade a encontrou chorando na rua e a levou para casa, oferecendo-lhe chá, solidariedade e um lugar para ficar. Mas, depois de alguns meses, a tal mulher disse: “Agora, você vai ter de pagar, e eis o que vai fazer.”

Assustada, a menina foi levada para a Turquia pela filha da tal mulher e forçada a se submeter ao comércio do sexo. Meses depois, foi presa e mandada de volta pela polícia. Mas a mulher foi com ela, e o filho então levou Mihaela para a Espanha. Lá, um cliente ficou horrorizado por ter dormido com uma menina de apenas 15 anos, quando o passaporte (falso) dizia que tinha 21. Ele lhe deu uma passagem de ônibus para a Romênia e passou a lhe mandar dinheiro todo mês pelos correios.

Mas o sofrimento não terminara. Quando foi comprar pão, voltou a ser sequestrada. Trancada num depósito para receber clientes, só podia sair para buscar o dinheiro nos correios. Quando conseguiu telefonar para o cliente amigo na Espanha, este pediu ao seu advogado que enviasse a Iana o número do celular de Mihaela. Então, planejaram o sequestro. “Basta sair correndo e entrar no meu carro”, disse-lhe Iana pelo telefone. “O resto é comigo.”

Depois do resgate, Iana ofereceu a Mihaela um quarto no abrigo Reaching Out (Estendendo a Mão), uma casa de dois andares com seis quartos junto a um morro, no subúrbio. Durante um

ano, com mais 17 meninas, ela viveu sob os cuidados da equipe de assistentes sociais de Iana, aprendendo a limpar, cozinhar e cuidar do orçamento; algumas voltaram à escola, outras arranjaram emprego.

Com a cadela e seis filhotes em volta, Iana envolve três meninas num abraço. Natasha: estuprada pelo pai durante cinco anos, vendida a um traficante em Bucareste, fugiu para uma delegacia. Bianca: levada para a Itália, estuprada com uma garrafa plástica, foi ajudada por um cliente. Ana Maria: mãe solteira, atraída para a Dinamarca com promessas de emprego mas forçada a se prostituir em Copenhague, fugiu para uma delegacia.

“A gente acha que já viu tudo de que esses canalhas são capazes, mas aí eles fazem algo que nos arrasa de novo”, diz Iana. Como o que aconteceu com uma menina que foi para a Sérvia com a amiga a fim de trabalhar num restaurante. Quando lhes contaram que seriam prostitutas, as duas riram e disseram que devia haver um engano. O chefe puxou a arma e matou uma das meninas na hora. Com a arma ainda quente na mão, virou-se para a outra e disse: “Vai falar mais alguma coisa?”

Criada na Transilvânia, Iana se formou em restauração de obras de arte e depois viajou pelo país com uma equipe de jovens restauradores, trabalhando em igrejas antigas. Quando se casou e teve um filho, passou a trabalhar num escritório de desenho.

*Nome trocado para proteger a identidade.

“Essas meninas são crianças presas e



Vítimas do mercado do sexo são levadas a um abrigo seguro para retomarem a vida.

Mas, depois de participar de uma manifestação contra a entrega antidemocrática do poder depois que o ditador Nicolae Ceausescu foi executado, em 1989, fugiu para a Iugoslávia ao saber que era procurada pela polícia. Envolvida num divórcio difícil, Iana sabia que um único dia na cadeia afetaria a sua pretensão de obter a custódia de Stefan, na época com 2 anos.

Enquanto trabalhava como intérprete na Agência de Refugiados da ONU, conseguiu que o menino fosse levado para ficar com ela fora do país. Então, foi morar em Perth, na Austrália.

Para Iana, estudante de Psicologia e funcionária da contabilidade de uma empresa de ônibus, tudo em tempo integral, foi uma época difícil. Ela ainda arranjava tempo para cozinhar para as crianças de rua que se abrigavam na estação ferroviária, e com amigos fundou a Reaching Out.

Em 1998, depois de um mês de férias com Stefan na Romênia, Iana não conseguiu mais parar de pensar nas crianças que moravam nas ruas de Bucareste.

“São essas as pessoas que precisamos ajudar”, disse ela ao filho, então com 10 anos. “Vamos ter de nos mudar.”

De volta a Bucareste e Pitesti, Iana trabalhou em abrigos para crianças de rua e descobriu que a maioria tinha fugido de orfanatos. A razão era bem óbvia. As crianças dos orfanatos passavam o inverno todo trancadas “para não sentirem frio”. Não tinham amor dos pais, nem autoestima, nem nada para fazer.

um pesadelo”, disse Iana aos policiais.



Então Iana montou uma equipe de voluntários para criar um vínculo afetivo com as crianças. “Nós as abraçávamos e dizíamos milhares de vezes que eram bonitas, inteligentes”, conta.

Certo dia, em janeiro de 1999, depois que já ganhara fama com seu trabalho, Iana recebeu um telefonema que mudou a sua vida. Era da delegacia de polícia.

– Prendemos aqui três vaquinhas fêdidas e não queremos colocá-las no carro – disse um guarda. – A senhora pode trazer roupas limpas?

Acontece que as “vaquinhas” eram meninas apavoradas, de 14, 15 e 16 anos.

– Como ficaram nesse estado? – perguntou Iana.

– Fomos vendidas e compradas – disse uma delas.

Incrédula, Iana perguntou como algo assim podia acontecer. A mais nova lhe contou a sua história. Fora ameaçada de estupro pelo pai. Fugira para a casa

de um amigo que trabalhava num bar e conhecia uma família que precisava de empregada doméstica. Depois de uma noite na casa, foi levada a um bar de beira de estrada, com um grande estacionamento para caminhões, e vendida ao proprietário por uns 100 dólares. Ficou presa num cômodo cuja porta só se abria para deixar entrar motoristas de caminhão que queriam sexo. Fugiu e chegou à delegacia. Disseram-lhe que voltasse antes de arranjar encrenca. Foi presa com as duas companheiras alguns dias depois, quando a polícia deu uma batida no local.

Iana ficou roxa de raiva. “Seus bárbaros, não estão vendo?”, berrou para os policiais. “Não são prostitutas, são apenas crianças presas num pesadelo!”

Por meio da Usaid, a Agência de Desenvolvimento Internacional dos Estados Unidos, Iana soube que não existia entidade que ajudasse essas crianças. “Tudo bem, vamos criá-la”, declarou. Em poucos dias, criou a Reaching Out como ONG legalizada. Com uma doação de 300 dólares, alugou um apartamento por três meses, e as três meninas, que hoje levam uma vida normal e têm filhos, foram as primeiras moradoras.

Iana Matei afirma que a raiz do problema do tráfico sexual é o colapso da família. Por exemplo, milhares de romenos vão trabalhar na colheita de morangos na Espanha e deixam os filhos com avós ou amigos. Há muita pressão para os jovens largarem a escola e ganharem dinheiro. E é assim que surgem os problemas.

Em 2001, Iana levou uma câmera es-

condida a um restaurante de caminhoneiros na Macedônia. Pondo em risco sua segurança, filmou secretamente as meninas dançando para os clientes. Enviou o filme a escolas, com um folheto no qual se oferecia para verificar os empregos em outros países antes que as meninas fugissem de casa. Mas poucas aceitaram.

“Todas andam tão desesperadas atrás de emprego que acham que com elas não vai acontecer”, diz Iana.

Hoje, o custo anual de 80 mil euros da Reaching Out é coberto pela Make Way Partners, entidade cristã com sede nos Estados Unidos que combate o tráfico de seres humanos.

Enquanto trabalha na linha de frente, Iana também participa dos bastidores com entidades internacionais. Deu um depoimento ao governo americano sobre a situação na Romênia, trabalhou com órgãos como o UNODC (Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime) e participou de um grupo de especialistas que aconselha a Otan no combate ao tráfico. Pelo seu trabalho de resgatar as vítimas do tráfico e de instruir as autoridades, em 2006 Iana foi declarada “heroína do ano” pelo Departamento de Estado americano; no ano seguinte, recebeu o Prêmio

Abolicionista na Câmara dos Lordes, na Grã-Bretanha.

Num ponto turístico da montanha, ela está construindo um hotel de 33 leitos, com esperança de que ajude a financiar o seu trabalho. Também criará um mercado de alimentos para os fazendeiros locais, de modo que não tenham de trabalhar no exterior. Mas, assim como tantas outras coisas na Romênia, projetos desse tipo são entravados pelas autoridades corruptas.

Enquanto isso, a procissão de vítimas continua. Em 2006, ela resgatou uma menina de 16 anos, grávida de gêmeos. Os bebês, duas meninas, nasceram prematuros e a mãe fugiu. Para dar a elas alguma perspectiva de vida, Iana as adotou como filhas. “Meu coração se derrete por elas”, sorri a mãe.

Para a furiosa defensora das vítimas do comércio sexual infantil, o trabalho nunca terminará.

– O meu plano é trabalhar até os 100 anos e depois me divertir – diz ela às meninas. – Vou passear de minissaia de couro numa Harley Davidson e apavorar os seus maridos, portanto, preparem-se.

– E ela é bastante doida para fazer isso! – dizem as meninas, rindo.

SILÊNCIO FORÇADO

Sempre tive boa saúde e cheguei até a achar uma pena nunca ter nada do que reclamar. Um dia, no entanto, perdi a voz e não conseguia falar.

– É duro, mãe – disse meu filho. – Você finalmente tem um problema e agora não pode nem se queixar.

Gisbertha Stekelenburg, Holanda

